

**POLÊMICA E CONTROVÉRSIA:
O ITINERÁRIO DE LÚCIO CARDOSO DE MALEITA A O ENFEITIÇADO***

Cássia dos SANTOS

RESUMO Acompanhar a recepção crítica da obra de Lúcio Cardoso é o objetivo deste trabalho. Nele analiso a repercussão que os romances e novelas do autor mereceram em nosso meio literário, exceção feita ao romance *Crônica da Casa Assassinada*, cujo estudo deverá ser realizado em uma etapa posterior. Estreando na ficção com *Maleita* em 1934, o escritor, mineiro e católico, foi a princípio filiado ao grupo dos regionalistas, para, a partir de 1936, com o lançamento de *A Luz no Subsolo*, seu terceiro livro, ser considerado um dos cultuadores do romance introspectivo entre nós. Autor de cinco romances e de sete novelas, Lúcio Cardoso publicou a maior parte de seus livros ao longo dos anos 30 e 40, décadas especialmente polêmicas na história da literatura brasileira. Entre as discussões que então se processavam, destaca-se a que opôs o grupo de escritores do chamado “romance do Nordeste” — considerados de esquerda — aos autores católicos — tidos como de direita.

Dono de um temperamento arrebatado, Lúcio Cardoso participou ativamente deste debate. A sua atuação significativa através de artigos, depoimentos e entrevistas parece ter pesado decisivamente para a recepção de sua obra e é esta uma das idéias principais que defendo e desenvolvo ao longo do meu trabalho.

Palavras-chave Cardoso, Lúcio (1912-1968); literatura brasileira; romances – história e crítica.

RÉSUMÉ L'objectif de ce travail est celui de suivre la réception critique de l'œuvre de Lúcio Cardoso. J'analyse la répercussion que les romans (à l'exception du roman *Crônica da Casa Assassinada* dont l'étude devra être réalisée dans une phase ultérieure) et les nouvelles de l'auteur ont mérité dans notre milieu littéraire. Ayant débuté dans la fiction avec *Maleita* en 1934, l'écrivain, catholique et originaire de l'Etat de Minas Gerais, a initialement été affilié au groupe des régionalistes. Mais à partir de 1936, avec la publication de son troisième livre intitulé *A Luz no Subsolo*, il a été considéré chez nous comme l'un des amateurs du roman introspectif.

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Letras na área de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, no dia 12 de agosto de 1997, sob a orientação da Prof^a Dr^a Vilma Sant'Anna Arêas.

Auteur de cinq romans et de sept nouvelles, Lúcio Cardoso a publié la plupart de ses livres pendant les années 30 et 40, c'est-à-dire, des décennies spécialement polémiques dans l'histoire de la littérature brésilienne. Parmi les discussions qui avaient lieu à cette époque-là, on relevra celle qui a opposé le groupe d'écrivains du dit "romance do Nordeste" ("roman du Nord-Est") — considérés de gauche — aux auteurs catholiques — vos comme de droite.

Ayant un tempérament impétueux, Lúcio Cardoso a activement participé à ce débat. Son expressive participation par le moyen d'articles, témoignages et interviews semble avoir eu un poids décisif en ce qui concerne la réception de son oeuvre et celle-ci est une des idées principales que je soutiens et développe dans mon travail.

Mots-clé Cardoso, Lúcio (1912-1968); littérature brésilienne; romans – histoire et critique.

- I -

Entre os romancistas da moderna literatura brasileira, Lúcio Cardoso ocupa hoje um lugar peculiar. Tendo estreado em nossas letras na mesma época que José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Érico Veríssimo, o escritor conquistou, da mesma forma e em intensidade semelhante ao que se passou com estes autores, a atenção dos meios críticos e das editoras, que viram nele uma das mais legítimas vocações surgidas naqueles anos. Diferentemente do que ocorreu com seus colegas, entretanto, o prestígio que envolveu o seu nome e a sua obra não perdurou.

Limitando-se em geral à edição de lançamento, com o passar do tempo seus livros foram sendo progressivamente deixados de lado pela crítica em suas discussões, o que reservou ao autor um destino de obscuridade que a sua celebrada estréia não permitiria prencuniar. Tido até o fim da década de 30 como um dos romancistas mais promissores dentre os da sua geração¹, nas décadas mais recentes Lúcio Cardoso passou a ser objeto de um completo desconhecimento por parte do grande público e de um não menos significativo silêncio por parte dos leitores e críticos especializados.

A repercussão de seu livro mais bem-realizado, o romance **Crônica da Casa Assassina**², publicado em 1959 pela editora José Olympio, só aparentemente rompeu com tal situação. Fazendo com que o nome do ficcionista ganhasse relevância nos periódicos e suplementos literários, o romance atraiu a atenção da melhor crítica do momento, havendo mesmo quem, como o exigente Wilson Martins, o tenha considerado quase uma obra-prima.

¹ Ao profetizar a "morte" do romance introspectivo em entrevista concedida ao **Jornal do Brasil**, do Rio de Janeiro, em 30 de junho de 1957, o jornalista Brito Broca faz alusão à notoriedade de que o escritor mineiro chegou a desfrutar em nosso meio literário: "O que me parece já haver recaído na esterilidade é o romance de introspecção pura, a Julien Green, de que foi chefe de fila entre nós um Lúcio Cardoso. Quando cheguei ao Rio em 1938, Lúcio Cardoso, com vinte e cinco anos apenas, possuía um cartaz quase tão grande como o de Graciliano e Zé Lins. De 1946 em diante perdeu inteiramente o contato com o público e duvido que o retome se prosseguir no mesmo caminho. Fato sintomático: o último romance de Julien Green, **Le Malfaiteur**, foi um dos livros menos vendidos na França, no ano passado".

² CARDOSO, Lúcio. **Crônica da Casa Assassina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

Bastante elogiada, discutida e criticada, a **Crônica da Casa Assassinada** mereceu inúmeros artigos e resenhas, mas não logrou realizar aquela que seria sua tarefa mais difícil: incluir o nome de seu criador em nosso cânone literário. Assim, ainda que em algumas histórias de nossa literatura a produção do romancista não tenha passado despercebida³, Lúcio continua ignorado pela maioria de nosso público. Se os manuais para o ensino de segundo grau sequer cogitam em sua existência, o que faz com que o autor, obviamente, não seja lido pelos alunos secundaristas, o desconhecimento que vigora ao redor de sua obra não é menor entre os alunos dos inúmeros cursos de Letras que há pelo país.

As explicações para tal fato podem e devem ser buscadas, mais do que nos livros do escritor, em sua trajetória marcada pela polêmica e controvérsia, cuja análise permite entender o silêncio que hoje o envolve.

- II -

Nascido em Curvelo no estado de Minas Gerais em 1912, Lúcio Cardoso foi romancista, poeta, tradutor e novelista, além de ter escrito peças teatrais, contos, pequenos ensaios críticos e dois volumes de diário. Dono de um irreprimível desejo de criar, o autor empreendeu, também, a montagem de suas próprias peças e da adaptação que fez do conto “O Coração Delator” de Edgar Allan Poe, escreveu o roteiro de filmes como **Porto das Caixas**, dirigido por Paulo César Saraceni, e tentou realizar o seu próprio filme, **A Mulher de Longe**, que, em virtude de dificuldades sobretudo financeiras, ficou inacabado. Para completar o seu perfil de criador, resta dizer que revelou-se, ainda, desenhista e pintor quando, após um derrame que comprometeu sua capacidade de fala e paralisou o lado direito de seu corpo em dezembro de 1962, ele, que até então fora destro, começou a pintar quadros e mais quadros com a mão esquerda, tendo produzido cerca de quinhentas telas até sua morte em 1968.

O que foi dito pode enganosamente sugerir que Lúcio tenha sido um diletante ou um dispersivo, que, em tentando fazer muito, legou-nos pouco. Afinal, enveredar pelos mais diferentes caminhos resulta, muitas vezes, que não se siga por caminho algum. Evidentemente não foi o que se passou. Embora uma espécie de febre o tenha impelido sempre a ousar e a experimentar dentro dos mais diversos campos artísticos, como romancista Lúcio Cardoso surgiu e como romancista é que foi lembrado depois de sua morte e a mais forte razão para que assim tenha sido deve ser buscada em sua obra literária.

Sua estréia na literatura se deu no ano de 1934. Algum tempo antes, ele havia ido trabalhar numa companhia de seguros dirigida por seu tio, Oscar Netto, que funcionava no mesmo prédio da editora do poeta Augusto Frederico Schmidt no Rio de Janeiro. Devido à proximidade, com o passar do tempo, Netto e Schmidt decidiram associar-se, criando uma nova companhia onde Lúcio foi admitido como empregado.

³ Ressalto principalmente a **História Concisa da Literatura Brasileira** de Alfredo Bosi e a **História da Literatura Brasileira** de Massaud Moisés, nas quais a ficção cardosiana foi objeto de cuidadosa atenção.

Pôde acompanhar, então, um pouco mais de perto as discussões e o movimento de escritores na editora do poeta e, influenciado pela leitura de alguns dos livros do momento, como **Menino de Engenho** e **Cacau**, escreveu seu primeiro romance, intitulado **Maleita**⁴. O restante da história é previsível: Schmidt, que já lançara os estreantes Jorge Amado, Amando Fontes e Graciliano Ramos, acabou lendo os originais do romance, entusiasmando-se e decidindo publicá-lo.

Muito embora não reproduzisse fielmente o modelo dos romances que a inspiraram, **Maleita** foi recebida como mais uma obra regionalista dentre tantas as que surgiram naquela época e, nesta condição, saudada por importantes nomes da crítica como Jaime de Barros e Elói Pontes.

O fato é mais do que compreensível. Estávamos no início dos anos 30, década que se tornou célebre, em nossa literatura, pelo aparecimento do chamado “romance do Nordeste”. Como já foi dito, fizeram sua estréia, nesses anos, autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Graciliano Ramos, entre outros. Nos livros que então publicaram, como **Menino de Engenho**, **O Quinze**, **Cacau** e **Vidas Secas**, por exemplo, era possível reconhecer pontos em comum. Ambientados no Nordeste, tinham como temática, em geral, a seca, a decadência dos engenhos e suas conseqüências. Buscavam contar a história do ponto de vista dos oprimidos, dos miseráveis, retratando o cotidiano sofrido da parcela pobre da população. Além disso, procuravam descrever fielmente o linguajar e os costumes dos habitantes da região que lhes servia de cenário.

Ainda que as características enunciadas acima não estivessem todas presentes em **Maleita**, a crítica não teve dúvidas em filiar o livro à linha do “romance do Nordeste”. Para escrevê-lo, Lúcio tinha se baseado em uma história familiar: a aventura da fundação da cidade de Pirapora por seu pai, Joaquim Lúcio Cardoso, em 1893, às margens do rio São Francisco. Adicionando a ela alguns elementos ficcionais, o autor logrou incluir descrições dos hábitos e costumes das personagens, do seu linguajar e do ambiente em que viviam, com destaque para a influência do rio sobre suas vidas, o que bastou para que a obra fosse tida como regionalista.

Recepção semelhante estaria reservada a seu segundo romance, **Salgueiro**⁵, publicado pela editora José Olympio em 1935. Ambientado no morro carioca cujo nome lhe serve de título, o livro parecia demonstrar a adesão de Lúcio ao projeto de denúncia social que movia parte dos escritores do período, uma vez que apresentava como personagens os habitantes do morro em seu cotidiano de miséria e de privações. Por este motivo, tanto quanto **Maleita**, **Salgueiro** conquistou uma repercussão favorável no meio crítico simpático ao “romance do Nordeste”, se bem que, a rigor, exibisse características até mesmo conflitantes com esse cunho social que nele era visto.

Se isto se dava, era porque, na verdade, **Salgueiro** antecipava aquele que seria o terceiro romance do escritor, com o qual ele se firmaria como um dos cultuadores da

⁴ CARDOSO, Lúcio. **Maleita**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1974.

⁵ CARDOSO, Lúcio. **Salgueiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.

ficção introspectiva entre nós: refiro-me a **A Luz no Subsolo**⁶, editado pela José Olympio em 1936.

Com a publicação deste livro, Lúcio Cardoso passou a enfrentar ataques de setores da crítica dos quais, até então, só colhera elogios. Vários dos críticos que haviam se encantado com **Maleita** mostraram-se contrários ao novo romance, em que viram uma “mistificação”. Segundo o jornalista Brito Broca em entrevista que realizou com o autor, “mesmo os espíritos bem-intencionados hesitavam diante daquelas quatrocentas páginas compactas” e, frente “aos personagens absurdos”, à “história enigmática e terrível”, falavam em “Dostoievski, em Bernanos, em Julien Green”.⁷

O lançamento de **A Luz no Subsolo** chamou a atenção, em São Paulo, do escritor Mário de Andrade, que dirigiu a Lúcio uma carta a respeito do romance. Nela, o autor de **Macunaima** também manifestava seu desconcerto face aos seres absurdos criados pelo romancista, mas, com perspicácia, assinalava que havia entendido perfeitamente o objetivo de Lúcio de, através do livro, “repor o espiritual”⁸ dentro da literatura de então.

De fato, **A Luz no Subsolo**, juntamente com outros romances que surgiriam nessa época como **A Mulher que Fugiu de Sodoma** de José Geraldo Vieira, **Frenteira** de Cornélio Pena e **Mundos Mortos** de Otávio de Faria, representavam uma ficção diversa daquela do “romance do Nordeste”, que não evidenciava preocupações políticas ou sociais explícitas por parte de seus autores, preferindo antes focalizar os problemas do indivíduo face à existência, suas angústias e suas inquietações, que, não raro, eram de fundo religioso.

Com o passar dos anos e o acréscimo de novos romances, este tipo de ficção foi sendo chamada de psicológica, intimista, introspectiva ou mesmo espiritualista e não tardou a ser vista como uma tendência oposta à do regionalismo social dos escritores nordestinos.

Imaginar, contudo, que tal oposição tenha se restringido ao terreno literário seria um engano de nossa parte. Como bem observou o crítico Antonio Candido em seu ensaio “A Revolução de 1930 e a cultura”, “os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura”.⁹ Nada mais natural, portanto, que surgissem grupos que, de acordo com as convicções principalmente políticas de seus participantes, acabassem se opondo. Dois deles se notabilizariam mais neste sentido: o grupo dos autores do chamado “romance do Nordeste”, citados anteriormente, identificados com a esquerda, e o grupo dos escritores católicos, próximos à direita, entre os quais Lúcio Cardoso se incluía, juntamente com Otávio de Faria, Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes e outros.

Durante a década de 30 e parte da década de 40, estabeleceu-se entre os membros das duas tendências uma polêmica sobre o caráter do moderno romance brasileiro, na

⁶ Idem. **A Luz no Subsolo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/INL, 1971.

⁷ Idem. Os intelectuais pensam — Da imaginação à realidade... **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, 9 jun. 1938. Entrevista concedida a Brito Broca.

⁸ Carta de Mário de Andrade a Lúcio Cardoso, datada de 20 de agosto de 1936. Integrante do Arquivo Lúcio Cardoso do Centro de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁹ CANDIDO, Antonio. **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. A Revolução de 1930 e a cultura, p. 182.

qual Lúcio Cardoso teve uma participação significativa. O autor não hesitou em defender seu ponto de vista, seja através de artigos, de entrevistas, de depoimentos ou mesmo de conversas na loja da Livraria José Olympio, onde os intelectuais costumavam se reunir à tarde, no Rio, para discutir política e literatura.

Atacando uma obra como **Capitães de Areia**, por exemplo, em que via apenas “essa péssima realidade que tem envenenado quase toda a nossa literatura nestes últimos anos”¹⁰, defendia que o romance não poderia ser o resultado de uma “espécie de espionagem em torno de características puramente sociais ou aparentes em prejuízo dos fatores profundos que as determinam”.¹¹ Acreditava que “a vida não é o que os olhos vêem, mas o que a alma guarda”¹² e foi em nome desta convicção que não poupou críticas sobretudo à obra de Jorge Amado nas entrevistas e artigos que publicou nesta época.

As conseqüências do envolvimento de Lúcio em todo este debate, como não poderia deixar de acontecer, se fizeram sentir sobre a sua obra. A junção de seu temperamento arrebatado com sua crença de que não podia se calar frente ao que considerava como os equívocos cometidos pelos escritores nordestinos em seus livros parece ter pesado para que, aos poucos, fosse conquistando vários desafetos e se transformasse em uma figura marcada em nosso meio literário.

Daf que, durante esses anos, seus romances e novelas tenham sido recebidos, em geral, de forma tendenciosa, através de leituras que oscilaram do ataque irrestrito — quando partiam de seus adversários — ao elogio e à defesa incontida — quando se originavam de autores próximos ao seu grupo.

Esta falta de isenção da crítica para com a obra do ficcionista, que já se manifestara em relação ao romance **A Luz no Subsolo**, começou a se acentuar a partir do lançamento de seu quarto livro, a novela **Mãos Vazias**¹³, publicada pela editora José Olympio em 1938. Nesta novela, Lúcio narra o desmoronamento da vida e, por extensão, do casamento de Ida, a protagonista, durante os três dias em que transcorre a ação. Com finura e capacidade de observação, ele ambienta a história numa cidade pequena e conservadora, mostrando como a atmosfera asfíxiante do lugar contribui para que a personagem principal cometa adultério e, mais tarde, se suicide.

Evidentemente, porém, já que se tratava de uma obra do inquieto romancista de Curvelo, a percepção deste fato não poderia ser compartilhada por todos. O crítico Mário Cabral, por exemplo, em um artigo a respeito do livro, destacou a banalidade e a inverossimilhança de seu enredo, defendendo, entre outras coisas, que “na realidade a

¹⁰ Carta de Lúcio Cardoso a Érico Veríssimo, integrante do Acervo Literário Érico Veríssimo. Reproduzida com pequenas alterações pelo caderno **Mais! da Folha de S. Paulo** na edição de 1º de janeiro de 1995.

¹¹ CARDOSO, Lúcio. Uma retificação. **Jornal do Commercio**, Recife, 30 set. 1938.

¹² *Ibidem*.

¹³ CARDOSO, Lúcio. **Três Histórias de Província**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. *Mãos Vazias*, p. 15-

heroína de Lúcio Cardoso sofria de uma moléstia chamada, em bom português, *pouca vergonha*".¹⁴

Radicalmente distinto era o ponto de vista de Tristão de Athayde, pseudônimo com o qual o líder católico Alceu Amoroso Lima assinava suas obras e artigos nessa época. Em sua resenha a respeito de **Mãos Vazias**, o crítico não poupou elogios ao autor mineiro, salientando a força de sua novela, com a qual julgava que Lúcio havia alcançado "uma maestria rara" e se consagrado como "um dos escritores mais poderosos do nosso movimento literário".¹⁵

Era esta a opinião, também, de Adonias Filho, amigo pessoal de Lúcio e integrante do mesmo grupo do qual o romancista fazia parte. Publicando, no ano de 1939, um ensaio sobre a obra do escritor, Adonias considerou que os seus livros não podiam ser comparados aos de nenhum outro autor da literatura universal, nem mesmo aos de Dostoiévski, uma vez que eram, sem uma única exceção, "livros de classe superior".¹⁶

O evidente exagero que havia em tal julgamento não parece ter passado despercebido a Osório Borba. No final do ano seguinte, ano em que Lúcio publicou a novela **O Desconhecido**¹⁷ pela editora José Olympio, Borba escreveu um texto com o qual realizou um balanço da produção literária de 1940. Nele, acertadamente, o crítico assinalou que, com **O Desconhecido**, "Lúcio Cardoso marcou mais nitidamente sua inclinação para o romance de introspecção e seu destino de escritor fadado a fonte de controvérsia, provocando as reações mais radicalmente contraditórias, da apologia irrestrita à negação mais cega".¹⁸

Se o ensaio de Adonias Filho podia ser enquadrado na categoria da chamada "apologia irrestrita", um artigo de Elói Pontes, colunista de **O Globo**, filiava-se à tendência da "negação mais cega" citada anteriormente. Escrevendo a respeito de **O Desconhecido**, o crítico fazia questão de transcrever uma série de tiques de linguagem que detectava na novela, numa evidente demonstração de má vontade para com a obra do escritor. Discordando de Tristão de Athayde, que vira em Lúcio um dos romancistas mais talentosos daquele momento, Pontes sustentava que o autor mineiro era, na verdade, uma fraude.

Após o lançamento de **O Desconhecido**, que ocorreu em 1940, o ficcionista se envolveu na realização de outros projetos e somente três anos mais tarde, em 1943, é que publicou seu quarto romance, intitulado **Dias Perdidos**¹⁹. Obra de caráter

¹⁴ CABRAL, Mário. Crítica. (Recorte de jornal sem referência bibliográfica, consultado no Arquivo Lúcio Cardoso do Centro de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa).

¹⁵ ATHAYDE, Tristão de [Alceu Amoroso Lima]. *Mãos Vazias*. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 29 jan. 1939. Texto reproduzido parcialmente também na contracapa da 1ª edição de **O Desconhecido** pela editora José Olympio em 1940.

¹⁶ ADONIAS FILHO. Os romances de Lúcio Cardoso. **Cadernos da Hora Presente**, Rio de Janeiro, n. 4, set. 1939, p. 68.

¹⁷ CARDOSO, Lúcio. **Três Histórias de Província**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. *O Desconhecido*, p. 107-266.

¹⁸ BORBA, Osório. Alguns fatos do ano intelectual de 1940. **Anuário Brasileiro de Literatura**, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, n. 5, 1941, p. 18.

¹⁹ CARDOSO, Lúcio. **Dias Perdidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

autobiográfico, a despeito de suas inegáveis qualidades literárias pouco chamou a atenção de nosso meio crítico, tendo merecido resenhas apenas de Tristão de Athayde, Sérgio Milliet e Lêdo Ivo.

O fato de tão poucos autores terem se ocupado da avaliação de **Dias Perdidos** causa uma certa surpresa, mas ele em si não representa nada comparado ao que ocorreria em relação ao próximo livro do romancista, a novela **Inácio**²⁰, publicada pela editora Ocidente em 1944.

Ambientada na cidade do Rio de Janeiro, a mais recente criação de Lúcio representava uma inovação dentro de sua ficção. Neste sentido, a novela pode ser considerada como a primeira obra de temática e caráter essencialmente urbanos produzida pelo escritor, já que, nos livros anteriores, ele confinara suas personagens ao campo, ao morro²¹ ou a modorrentas cidadezinhas interioranas como a São João das Almas de **Mãos Vazias**. Em **Inácio**, por outro lado, o cenário que se desenrolava perante os olhos do leitor era o da grande cidade, ou melhor dizendo, o da então capital do país, com suas ruas, avenidas, bares e cabarés, especialmente os da Lapa e do Catete, por onde Rogério, o narrador-protagonista, não cessava de perambular.

Indiscutivelmente uma das obras mais bem-realizadas do autor, **Inácio** aparentemente foi ignorada pela crítica na época de seu lançamento. Em minhas pesquisas nas mais diversas bibliotecas, inclusive no Arquivo Lúcio Cardoso da Fundação Casa de Rui Barbosa, procurei insistentemente por artigos a respeito da novela, contemporâneos à sua publicação, mas não os encontrei. A inovação que o livro significava dentro da carreira do escritor foi, pois, lamentavelmente relegada ao silêncio.

Não casualmente, conforme acredito, tal atitude da crítica veio coincidir justamente com o período em que o romancista mineiro se envolveu com mais força na polêmica com o grupo dos autores nordestinos. Nesse mesmo ano de 1944 em que publicou **Inácio**, Lúcio assinou uma série de artigos de jornal, com os quais explicitava suas idéias sobre o papel da Literatura e endereçava críticas a muitos dos escritores seus contemporâneos.

Investindo contra os intelectuais que haviam eleito a guerra como único tema de suas discussões nos textos “Os romances do ódio” e “Confissões de um homem fora do tempo”, Lúcio Cardoso aproveitava uma polêmica criada em torno de Otto Maria Carpeaux para, no denominado “Arte pela Arte”, defender-se das acusações de que era um escritor que “fugia da vida”. Justificando por que não fazia de sua obra um veículo de propaganda política, o autor não conseguia resistir ao impulso, porém, de, mais uma vez, atacar Jorge Amado, considerando-o “uma espécie de Casimiro de Abreu do romance social”.²²

²⁰ Idem. **Três Histórias da Cidade**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. *Inácio*, p. 17-117.

²¹ Embora o morro do Salgueiro, do romance homônimo, se situe no Rio de Janeiro, nunca é demais lembrar que, no livro, ele é concebido como um universo único, singular, como se não fizesse parte da cidade. Ao longo da narrativa, chega mesmo a existir uma oposição entre o espaço do morro e o espaço da cidade, que se torna ainda mais patente no último capítulo, em que o protagonista se prepara para abandonar definitivamente o Salgueiro.

²² CARDOSO, Lúcio. *Arte pela Arte*. **Letras Brasileiras**, Rio de Janeiro, ano II, n. 16, ago. 1944.

A leitura de uma entrevista concedida por Lúcio em 1945 reforça ainda mais a impressão de que o silêncio da crítica para com **Inácio** foi proposital. Nela, o jornalista Ary de Andrade, em um preâmbulo às perguntas que apresentaria ao entrevistado, levantava a idéia de que estaria ocorrendo uma espécie de conluio contra a figura de Lúcio Cardoso. Andrade acreditava que, descontentes com as freqüentes opiniões emitidas pelo romancista sobre temas como a guerra e o papel do escritor, muitos estariam tentando “abafar a sua voz pela campanha do silêncio e pelo boicote a seus livros”.²³

De fato, algo semelhante deveria estar mesmo acontecendo, pois, quando Lúcio publicou seus próximos livros — as novelas **A Professora Hilda**²⁴ e **O Anfiteatro**²⁵, ambas no ano de 1946 —, o meio crítico não quis se pronunciar a respeito. A exceção a esta tendência coube a Álvaro Lins, que dedicou um artigo à avaliação das duas obras. Seu texto, entretanto, não era muito favorável a elas, nas quais o crítico enxergava várias deficiências, sustentando, inclusive, que representavam uma queda em relação ao nível que o autor conseguira manter em livros anteriores.

Após a publicação de **A Professora Hilda** e de **O Anfiteatro**, Lúcio passou quase oito anos sem lançar novo livro. Durante boa parte deste período, entregou-se com entusiasmo às aventuras do teatro e do cinema. Escreveu várias peças, fundou uma companhia teatral, empreendeu montagens, redigiu roteiros cinematográficos e tentou realizar o seu próprio longa-metragem, **A Mulher de Longe**, uma das muitas iniciativas frustradas a que se dedicou nesta época e na qual ele assinava a história, o roteiro e a direção.

Desiludido com os malogros ocorridos em suas incursões pelo cinema e pelo teatro, o escritor retornou à literatura. Publicou, no ano de 1954, sua sétima e última novela, intitulada **O Enfeitiçado**²⁶, espécie de prolongamento de **Inácio**, lançada dez anos antes.

O novo livro encontrou uma repercussão mais favorável no meio literário, tendo merecido até um artigo elogioso de José Lins do Rego, fato que vinha comprovar que o período de rivalidade entre nordestinos e católicos estava encerrado. Era a década de 50, estávamos em outro momento histórico. A Segunda Guerra Mundial havia acabado, outro era o clima, a atmosfera reinante entre nossos intelectuais. A polarização direita-esquerda não contava mais com tanta força, muitos escritores, outrora comprometidos com o romance de denúncia social, começavam a rever suas posições. Processo semelhante ocorria com os autores de direita.

Nestas condições, **O Enfeitiçado**, diferentemente dos romances e novelas anteriores, pôde contar com uma recepção mais isenta, quase somente voltada para o julgamento de seu valor literário. Mesmo assim, a novela não escapou dos ataques do crítico gaúcho Luiz Marobin, que, em seu artigo, censurou Lúcio por “não fazer obra

²³ Idem. O mundo de após-guerra. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, 12 abr. 1945. Entrevista concedida a Ary de Andrade.

²⁴ Idem. **Três Histórias de Província**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. *A Professora Hilda*, p. 267-360.

²⁵ Idem. **Três Histórias da Cidade**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. *O Anfiteatro*, p. 119-234.

²⁶ Idem. **Três Histórias da Cidade**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. *O Enfeitiçado*, p. 235-350.

construtiva, de utilidade para os leitores, nem para as letras, nem para a pátria, uma vez que parcela a verdade, induzindo os outros ao erro e à depravação dos costumes e ao desfibramento do caráter da juventude”.²⁷

- III -

O esquecimento que marca hoje a obra de Lúcio Cardoso torna-se compreensível quando analisado à luz de semelhante trajetória. Tendo estreado e publicado grande parte de sua obra na mesma época em que, como lembra Antonio Candido, o “romance do Nordeste” era “considerado (...) pela média da opinião como o romance por excelência”²⁸, Lúcio parece ter se prejudicado da decisão de ter ousado defender uma ficção cujos fins seriam diversos daqueles pregados pelos regionalistas nordestinos. Uma ficção sem finalidades políticas, sem compromisso com a denúncia social, sem preocupação em documentar a realidade brasileira.

Num período caracterizado por tanto debate e discussão política como foram os anos 30 e boa parte dos 40, seus livros não poderiam ser bem aceitos, ainda que fossem igualmente capazes de espelhar esta mesma realidade que o autor não manifestava o explícito propósito de refletir. Daí o aparecimento de uma não desprezível rejeição à sua obra, que, longe de se dissolver com o passar dos anos, parece ter apenas se consolidado.

À má vontade favorecida pelas circunstâncias do momento, veio se juntar a fama que o próprio ficcionista foi se encarregando de alimentar. Leitor e admirador de Byron, em cuja obra foi buscar a epígrafe para **O Viajante**²⁹, romance que deixou inacabado, Lúcio parece ter se deixado atrair pelo mito romântico do “escritor maldito”, que procurou conscientemente cultivar.

Em seus depoimentos, cartas e entrevistas, transparece a clara intenção de ressaltar a sua singularidade, a relevância de seus livros e a incompreensão que haveria em torno deles. Em suas atitudes, sobressaem o tom de desafio, a provocação, os rompantes estudados, motivados não raro pelo intuito de chocar aqueles a quem se dirigia. Impulsionando tudo isto e a serviço da construção do mito do “maldito”, estava a sua inequívoca inclinação pela polêmica, o desejo de expressar suas opiniões não importando a que preço fosse, enfim, todo um modo de proceder que o acompanharia ao longo de toda a sua vida, fazendo dele uma das figuras mais combatidas de sua época.

Neste sentido, acredito que a produção de Lúcio Cardoso seja um caso exemplar de como fatores externos à obra literária são capazes de influir decisivamente em sua recepção. Parece-me evidente que, visando atacar a pessoa do autor, muitos tenham se voltado contra seus livros. Estes sofreram a antipatia, a força do estigma que envolvia e

²⁷ MAROBIN, Luiz. O Enfeitado de Lúcio Cardoso. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 15 maio 1955.

²⁸ CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. A Revolução de 1930 e a cultura, p. 185.

²⁹ CARDOSO, Lúcio. *O Viajante*. (romance póstumo). Organização e introdução de Otávio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

que ainda hoje envolve o romancista e o desconhecimento intencional com o qual muitos pretendiam silenciá-lo.

Sua contribuição para a literatura brasileira, é certo, foi significativa. Pena que o preconceito e a intolerância tenham até hoje tolhido a percepção deste fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Lúcio Cardoso:

- CARDOSO, Lúcio. *Maleita*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1974.
- _____. *Salgueiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.
- _____. *A Luz no Subsolo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/INL, 1971.
- _____. *Dias Perdidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *Três Histórias de Província*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. (Reunião de *Mãos Vazias*, *O Desconhecido* e *A Professora Hilda*).
- _____. *Três Histórias da Cidade*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. (Reunião de *Inácio*, *O Anfiteatro* e *O Enfeitado*).
- _____. *Crônica da Casa Assassinada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- _____. *O Viajante*. (romance póstumo). Organização e introdução de Otávio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____. Uma retificação. *Jornal do Commercio*, Recife, 30 set. 1938.
- _____. Os romances do ódio. *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro, ano II, n. 14, jun. 1944.
- _____. *Crônica da Casa Assassinada*. edição crítica coordenada por Mário Carelli. Madri: Ministérios da Cultura de Espanha e França, 1991. 810 p. (Arquivos, 18). Confissões de um homem fora do tempo, p. 762-763.
- _____. Arte pela Arte. *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro, ano II, n. 16, ago. 1944.
- _____. Os intelectuais pensam — Da imaginação à realidade... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1938. Entrevista concedida a Brito Broca.
- _____. O mundo de após-guerra. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 12 abr. 1945. Entrevista concedida a Ary de Andrade.

Obras sobre Lúcio Cardoso:

- ADONIAS FILHO. Os romances de Lúcio Cardoso. *Cadernos da Hora Presente*, Rio de Janeiro, n. 4, set. 1939, p. 57-86.
- ATHAYDE, Tristão de [Alceu Amoroso Lima]. *Mãos Vazias*. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1939.
- LINS, Álvaro. *Os Mortos de Sobrecasaca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. Cap. 7: No subsolo da natureza humana, p. 107-121.
- MAROBIN, Luiz. O Enfeitado de Lúcio Cardoso. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 15 maio 1955.
- PONTES, Elói. *Romancistas*. Curitiba: Guafra, 1942, p. 13-20.
- REGO, José Lins do Rego. Homens, coisas e letras: O Enfeitado. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1955.

Obras gerais:

- BORBA, Osório. Alguns fatos do ano intelectual de 1940. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, n. 5, 1941, p. 17-20.

CANDIDO, Antonio. **A Educação pela Noite e Outros Ensaio**s. São Paulo: Ática, 1987. A Revolução de 1930 e a cultura, p. 181-198.

Outros textos citados:

- BROCA, Brito. O romance de introspecção caiu na esterilidade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1957. Entrevista. (Recorte de jornal consultado no Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Nele não constava o nome de quem realizou a entrevista).

- CABRAL, Mário. Crítica. (Recorte de jornal sem referência bibliográfica, consultado no Arquivo Lúcio Cardoso do Centro de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa).

- Carta de Mário de Andrade a Lúcio Cardoso, datada de 20 de agosto de 1936. Consultada no Arquivo Lúcio Cardoso do Centro de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

- Carta de Lúcio Cardoso a Érico Veríssimo, datada de 27 de setembro de 1937. Reproduzida com pequenas alterações pelo caderno **Mais! da Folha de S. Paulo** em 1º de janeiro de 1995.